

Diário narra toda a violência dos garimpeiros com os índios

Ronaldo Brasiliense

BRASÍLIA — "Vinte e um de novembro de 1988. Ontem, logo cedo, quando atravessávamos o Rio Demini, na altura da cachoeira Tamanduá, encontramos os cadáveres de índios: três mulheres, dois rapazes e uma moça de uns 14 ou 15 anos. Verificamos que as índias haviam sido violentadas antes de morrer. Pelas marcas vistas no local, percebemos que estávamos perto de uma turma numerosa de garimpeiros e de uma maloca. Saímos rápido do local da tragédia e, após umas duas horas de caminhada, fomos surpreendidos por um grupo numeroso de índios em trajes de guerra e armados com espingarda, flecha e tacape. Quatro de nossos companheiros morreram na hora. Eu e quatro companheiros fugimos, carregando o sócio Bafo-de-Onça que ficou ferido. Caminhamos durante toda a noite e a manhã de hoje. São 13 horas e faz 20 minutos que nosso sócio faleceu. Vamos sepultar mais um de nossos amigos, com o peso de não podermos fazer o mesmo pelos quatro que ficaram para trás. Pagamos pela culpa dos outros. Nossa turma que era de 12 é formada agora por seis homens."

O relato acima faz parte do diário do garimpeiro Adalberto da Silva Santos, um português nascido em Coimbra, em 1958, radicado no Brasil desde 1962. Adalberto chegou a Boa Vista, Roraima, em 1986. Dois anos depois, atraído pela perspectiva de enriquecimento fácil nos garimpos localizados nas áreas indígenas ianomâmis, Adalberto uniu-se a outros garimpeiros, passando cinco meses nas matas de Roraima, percorrendo as regiões do Paapiú, Alto Catrimãni e Pico da Neblina. Suas anotações foram feitas em breves períodos.

Crueldade — Adalberto Santos escreveu seu diário em código e, nele, relata em ordem cronológica os contatos com grupos indígenas, estupro, assassinatos e massacres. Os principais trechos do diário foram transcritos em documento elaborado pelo Centro de Informação da Diocese de Roraima, cujo titular é o bispo italiano Aldo Mongiano, de 70 anos. A seguir, os principais trechos do diário do garimpeiro Adalberto Santos, que mostra a cruel realidade da convivência entre índios e garimpeiros em Roraima.

"Seis de setembro de 1988. Saímos de Boa Vista num monomotor fretado, às 10 horas da manhã, e pousamos na pista do Paapiú às 11h45. Na hora do pouso tremi de medo, a pista molhada, em precárias condições, cercada de mata. Trocamos de avião e fomos com destino à pista do Oliveira, no Rio Uatatás ou Parima e nos entusiasmos com a quantidade de homens no local. Acreditamos naquele momento que todos haviam bamburrado (N. da R.: Teriam

achado muito ouro) e isso alimentou nossas esperanças. Pouco depois, tivemos uma visão mais real da situação: o que víamos eram homens velhos e maltratados. O dono da cantina e da pista, Piauí da Selva, nos falou que havia vaga para trabalhar em maquinário, mas Antonio Gambá e eu consideramos baixa a percentagem (menos de 50%) e por isso preferimos trabalhar manualmente numa grota à frente, onde o pagamento era maior.

"Sete de setembro de 1988. Choveu muito o dia todo. Após o banho, enquanto jantávamos, chegou o sócio Baiano-Come-Onça avisando que os índios estavam atacando os grotões para tomar o rancho e que na noite passada haviam atacado o grotão ao lado. Ficamos espantados e todos começaram a carregar suas armas. Acendemos algumas fogueiras para clarear ao redor do acampamento. Mais tarde, tomados pelo cansaço, fomos adormecendo um a um. Nada aconteceu e ficamos sabendo mais tarde que os índios não haviam atacado o grotão ao lado.

Estupros — "Oito de setembro de 1988. Como resultado dos boatos de ontem, os sócios Baiano-Come-Onça, Pata-Choca, Ceará-da-Jumenta e Maranhão-da-Cláudia Raia encheram suas cartucheiras de munição e, apesar dos protestos da maioria, saíram com destino à maloca, com o objetivo de matar quantos índios oferecessem resistência. A tardinha, quando chegamos do trabalho, eles já haviam retornado e, entre risos de satisfação, contaram o que tinham feito. Ficamos sabendo então que eles invadiram a maloca, amarraram os índios e estupraram as índias. Ficamos preocupados com a vingança dos índios e eu e mais os sócios Antônio Gambá, Jabuti-da-Xuxa, Cara-de-Quati e Gênio-de-Lontra decidimos ir embora. Não queríamos conflito com os índios e nem problemas com a Funai.

"Doze de setembro de 1988. Já havíamos esquecido o incidente com os índios e estávamos trabalhando no grotão, quando, por volta de 12 horas, ouvimos tiros vindos do acampamento. Percebemos que se tratava de um ataque dos índios, em represália pela invasão da maloca. Rapidamente fugimos pelo rio até estarmos fora do alcance dos índios, pelo anoitecer.

"Vinte de outubro de 1988. O sócio Antonio Gambá foi a Boa Vista ver rancho e equipamentos para nós. Hoje estiveram aqui o sócio Barba Azul acompanhado de aproximadamente 30 homens. No caminho para cá, eles passaram na maloca que fica a duas horas da pista e criaram uma situação de pânico no local. Roubaram algumas índias e as violentaram. Quando perceberam que estavam sendo seguidos resolveram abandoná-las, mas um dos peões trouxe uma delas até a pista.

Sem ameaças — "Vinte e um de outubro de 1988. O tuchaua da maloca ianomâmi, invadida por Barba Azul e seus homens, veio acompanhado de quatro índios buscar a índia raptada. Os índios falavam a língua ianomâmi; entendíamos muito pouca coisa. Conversaram com Bibiano, de quem eles parecem gostar e temer, por isso não fizeram nenhuma ameaça. Apenas procuraram saber para onde tinha ido a turma do Barba Azul.

"Cinco de novembro de 1988. Amanheceu chovendo e, como não era possível trabalhar, ficamos reunidos no barraco. A conversa passou a ser sobre os índios da região. O sócio Goiano-da-Xuxa começou a contar sobre os conflitos entre índios e garimpeiros ocorridos na fofoca do Manuel Luis, no fogo bravo do Alto Parima, Jeremias e Rio Auaris. Segundo o sócio Goiano, morreram mais de 150 índios e tudo foi abafado. Na grota do Tarzân, Goiano contou que morreram não só índios adultos, mas mulheres e crianças também. Foi um verdadeiro massacre.

"Trinta de dezembro de 1988. Ao chegarmos à pista do Bibiano, fomos informados pelo sócio Paraná que um grupo de 20 garimpeiros, liderados pelo sócio Catarina, atacou a maloca e arancou as plantas dos índios. O roubo e a emboscada de garimpeiros têm ocorrido com certa frequência. Na verdade, são pequenas quadrilhas de assaltantes que aqui chegam disfarçados de garimpeiros. Mas não garimpam, só roubam. Existem casos de ladrões se entrosarem numa determinada turma, trabalharem como meia-praça (N. da R.: Garimpeiro que trabalha para um fornecedor) e depois matarem os companheiros e, principalmente, o gerente do maquinário para roubar o ouro.

Destruidor — "Oito de janeiro de 1989. Hoje foi um dia diferente. Despedimos a caixa, lavamos os motores e trocamos o óleo. À tarde, enquanto os outros sócios começavam outro barranco, eu e o sócio Didi nos preparávamos para tomar o avião, rumo a Boa Vista. Na cidade sei que terei conforto, mas sentirei falta desta floresta exuberante, saudável e maravilhosa. Meu picuá me fará recordar as árvores que derrubei, as pestes que matei, o azougue que gastei, as pedras que joguei, os tantos metros de terra que joguei no leito do rio, a água suja que bebi, o desmatamento que provoquei. Chamame de destruidor. Dizem que estou matando a natureza. Mato para não morrer. Mas sei que com minhas conquistas estou cavando a minha própria sepultura e a sepultura do mundo, da raça humana."

Adalberto Santos deixou seu diário na Diocese de Roraima e, ameaçado por outros garimpeiros, abandonou Boa Vista.